

OS MODOS DE LUTA DAS CULTURAS AFRODIASPÓRICAS

Miza Carvalho ^[1]

A problemática da invisibilização, apagamento, diminuição e ridicularização da população afrodiaspórica brasileira é de longa data. Ainda hoje, as alteridades afrodiaspóricas sofrem processos de colonialidades como a domesticação dos corpos, imposição de narrativas, desqualificação dos modos de viver e processos de uma sutil e ainda presente violência colonial que hierarquiza as culturas. A proposta de pesquisa é conhecer e tentar compreender os signos das culturas do Mandê, de forma que tais signos me ajudem a ver e escutar os signos dos repertórios culturais em Santa Rosa dos Pretos, na tentativa de compreender os sentidos que eclodem no meu encontro com tais os signos, e também de criar um trabalho de (re)existência e fortalecimento dos discursos contra hegemônicos. A pesquisa tem como objetivos: investigar imagens, marcas, signos, resíduos e ruínas das vozes do Mandê que insistem em se fazer escutar nos fragmentos esquecidos, anacrônicos e desprezados em Santa Rosa dos Pretos; propor uma semiótica da cultura que, seguindo os passos da busca por poéticas históricas-sociológicas consiga escutar as vozes desses tempos fantasmas e ainda criar suas sobrevivências a partir do diálogo de imagens e narrativas tradicionais e contemporâneas. A filosofia da linguagem marxista é a fundamentação teórica-metodológica que assumimos para buscar compreender os repertórios culturais de Santa Rosa. Portanto, é fundamental para nós a compreensão de que o campo da cultura é um campo com capacidade de criação. Com Volóchinov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2018), pude compreender que estar imerso na cultura significa estar situado em algum campo ideológico, um mundo particular que cria signos. Para Volóchinov, “cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo” (Volóchinov, 2018, p. 94). Para além de pensar a cultura pelos seus modos de vida, vamos penetrar na compreensão dos repertórios culturais africanos e afrodiaspóricos, buscando seus modos de luta, seus modos de sobrevivência e compreendendo que, apesar de sofrerem tantas ameaças e violência, tal população e suas produções na dimensão cultural e simbólica jamais serão destruídas.

Palavras chaves: Bakhtin. Culturas afrodiásporas. Mandê.

Referências Bibliográficas

- ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. Maranhão: terra mandinga. CMF- BOLETIM DO FOLCLORE, n. 20, ago. 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Introdução e Tradução de Paulo Bezerra; Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo: documentos de uma militância pan-africana. Prefácio: kabenguele Munanga e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. 3 ed rev. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- PONZIO, Augusto; CALEFATO, Patrícia; PETRILLI, Susan. Fundamentos de filosofia da linguagem. Trad. De Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2007.
- VOLOCHINOV, Valentin; BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec Editora. 16ªed.

^[1] Doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: mizacarvalho@id.uff.br.